

***The Chronicles of Narnia* e a Bíblia – Diálogos teopoéticos da literatura Anglófona e Hebraica**

***The Chronicles of Narnia* and the *Bible* - theopoetic dialogues in Anglophone and Hebrew Literature**

Ana Carla de Almeida Santos¹

RESUMO: O presente artigo discute a respeito das representações de Deus criadas na Bíblia Sagrada e no livro *The Chronicles of Narnia – The horse and his boy* – de Clive Staples Lewis. À guisa de comparação, busca, a partir de uma análise hermenêutica das imagens poéticas, pontos de aproximação e distanciamento entre as obras. Com o mesmo propósito da gênese de sua disciplina norteadora (Literatura Comparada), de evitar o isolacionismo nacionalista, constrói diálogos entre literatura anglófona e hebraica. Desta sorte, este trabalho poderá vir a contribuir com os estudos comparativos. À luz dos pressupostos teóricos de Nitrini (1997), Antonio Candido (2006), Auerbach (1971), Borges (1999), Paul Valéry (apud NITRINI, 1997), significa-se os símbolos teopoéticos criados nas obras, bem como, a influência de tais imagens na construção ontológica do ser humano em sociedade, tendo em vista a função total, social e ideológica da literatura.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Comparativos; Literatura Anglófona; Literatura Hebraica; Símbolos Teopoéticos; Construção Ontológica do Ser Humano em Sociedade.

ABSTRACT: This article discusses about the representations of God created in the Bible and in *The Chronicles of Narnia - The Horse and His Boy* by Clive Staples Lewis. By way of comparison, it seeks, from a hermeneutic analysis of poetic images, points of approximation and distance between works. With the same purpose of the genesis of its guiding discipline (Comparative Literature), of avoiding the nationalist isolationism, it constructs dialogs between Anglophone and Hebrew Literature. Therefore, this work may contribute to comparative studies. In the light of the theoretical presuppositions of Nitrini (1997), Antonio Candido (2006), Auerbach (1971), Borges (1999), Paul Valéry (apud NITRINI, 1997), the theopoetic symbols created in the works are defined, as well as, the influence of such images in the ontological construction of the human being in society, aware about the total, social and ideological function of literature.

KEY-WORDS: Comparative Studies; Anglophone Literature; Hebrew Literature; Theoptical Symbols; Ontological Construction of the Human Being in Society.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A literatura Comparada, como aponta Sandra Nitrini (1997), embora fundada com o objetivo de compensar o isolamento das literaturas nacionais, apresenta dificuldades em reconhecer o interesse em relação à comunicação literária, devido a suas relações estritas com o positivismo e o formalismo em suas metodologias voltadas para o texto em si mesmo.

Neste artigo, entretanto, dialoga-se a respeito das representações de Deus criadas na *Bíblia Sagrada Hebraica*² e no livro de Clive Staples Lewis, *The Chronicles of Narnia – The horse and his Boy* (2005), à guisa de comparação, sob uma perspectiva que observa

¹ Graduanda do Curso de Letras Língua Inglesa e Literaturas da Universidade do Estado da Bahia, DEDC II, sob orientação do professor Dr. Manoel Barreto Jr.

² A versão bíblica em análise é a Bíblia protestante – Nova Versão Internacional, traduzida para a Língua Portuguesa a partir das línguas originais.

os três aspectos da literatura apresentados por Antonio Candido (2006) como função total, função social e função ideológica.

A função total, para Candido (2006):

deriva da elaboração de um sistema simbólico, que transmite certa visão do mundo por meio de instrumentos expressivos adequados. Ela exprime representações individuais e sociais que transcendem a situação imediata, inscrevendo-se no patrimônio do grupo. (CANDIDO, 2006, p. 53).

Então, agora, volta-se, pois, a atenção à função total da literatura com suas representações, para fazer compreensível a hermenêutica das imagens e símbolos teopoéticos na Bíblia Sagrada e em *The Chronicles of Narnia – The Horse and His Boy*, entendendo-se o estudo da teopoética como aquele descrito por Kuschel (1999):

[...] não a procura por outra teologia, não a substituição do Deus de Jesus Cristo pelo dos diferentes poetas, mas a questão da estilística de um discurso sobre Deus que seja atual e adequado. (KUSCHEL, 1999, p. 31)

QUEM É DEUS? OU QUEM SÃO OS DEUSES?

Nesta análise das representações de Deus, personagem principal na *Bíblia* e em *The Chronicles of Narnia – The Horse and His Boy*, faz-se a seguinte pergunta: Quem é Deus, ou quem são os Deuses?

Os textos bíblicos (Novo e Velho testamento) apontam para três personagens divinos, Pai, Filho e Espírito Santo. Estes três formam a Trindade Santa. Na Bíblia, Deus é três e é Um. Contudo, cada pessoa desta Trindade apresenta características únicas e individuais à sua personalidade.

Em *The Chronicles of Narnia*, a imagem de Deus Pai se aproxima da imagem de Javé, visto que o Imperador de Além Mar, pai de Aslan (leão que se sacrifica no lugar do culpado, Edmund Pevensie, e ressuscita depois de três dias), não é representado de maneira ótica, assim como o *pai nosso* da oração de Cristo no livro de Mateus (cap. 6:9-13) que aponta para uma localização³, e não para um nome ou característica física propriamente dita.

Contudo, a imagem do *Pai Nosso* também se distancia daquela do Imperador de Além Mar, uma vez que, na *Bíblia*, Jesus, Deus Filho, ao falar do Deus Pai, sugere certa proximidade divina com o ser humano, chamando-o de *nosso*. Em *The Chronicles of Narnia*, entretanto, a imagem teopoética é construída de maneira distante dos demais

³ Pai nosso, que estás nos céus! (BÍBLIA, Mateus 6: 9a)

personagens, sendo apenas mencionado como pai de Aslan e reconhecido como Supremo pelo título de Imperador.

Para discutir mais profundamente sobre esta e outras imagens teopoéticas e para uma melhor experiência de leitura, organiza-se o texto em tópicos que devem orientar o leitor em meio a esta diversidade de representações do divino.

O DEUS OCULTO: DEUS PAI E A REPRESENTAÇÃO PELA NÃO-REPRESENTAÇÃO

O Imperador de Além Mar, nunca descrito no livro de Lewis, carrega o mistério de sua identidade. Nada é revelado deste, exceto a Lei de sua autoria, conhecida como Magia profunda, apresentada no primeiro livro da coleção, *The Lion, The Witch and The Wardrobe* (1950), como aquela pela qual uma vítima inocente de culpa, tendo morrido no lugar de um culpado, faria a morte ser revertida. A mesma lei é responsável por determinar que traidores, culpados, se tornariam propriedade da Rainha Branca, representação do mal. A Lei do Imperador de Além Mar leva ao sacrifício de Aslan em lugar de Edmund Pevensie e sua ressurreição, em um arquétipo Cristão⁴.

No entanto, tendo em vista a importância do Deus Pai nas narrativas, como pode permanecer sem uma descrição fenotípica? No texto, destrói-se a imagem divina? Muito diferente disto. No Livro de Êxodo, cuja autoria se atribui a Moisés, em um diálogo entre Deus e Moisés, vemos a minuciosa imagem teopoética de um personagem que não se revela e que, portanto, permite o pensar, o especular a respeito de si.

Moisés perguntou: “Quando eu chegar diante dos israelitas e lhes disser: O Deus dos seus antepassados me enviou a vocês, e eles me perguntarem: ‘Qual é o nome dele?’ Que lhes direi?”

Disse Deus a Moisés: “Eu sou o que Sou. É isto que você dirá aos israelitas: Eu Sou me enviou a vocês”. (BÍBLIA, Êxodo 3:13,14).

Também no Livro de Êxodo, Deus deixa uma ordem específica ao povo de Israel, na qual é possível notar a urgência por se constituir em um ser irrepresentável, negando a

⁴ [Do gr. archétypon, "modelo", "padrão".] Termo proposto em 1919 por Carl G. Jung, psicólogo e psicanalista suíço (1875-1961), para designar o conjunto de imagens psíquicas do inconsciente coletivo que são patrimônio comum de toda a humanidade [...] (CEIA, E-Dicionário de termos Literários). Jung sugere que “deve haver na alma uma possibilidade de relação [com Deus], isto é, forçosamente ela deve ter em si algo que corresponda ao ser de Deus, pois de outra forma jamais se estabeleceria uma conexão entre ambos. Esta correspondência, formulada psicologicamente, é o arquétipo da imagem de Deus.” (JUNG, 1991, p. 23). Para ele, “O arquétipo é um elemento vazio e formal em si, nada mais sendo do que uma *facultas praeformandi*, uma possibilidade dada a priori da forma de sua representação. O que é herdado não são as idéias, mas as formas, as quais sob esse aspecto particular correspondem aos instintos igualmente determinados por sua forma.” (JUNG, 2007, p. 91).

normalidade de ter um rosto: “O Senhor disse a Moisés: Diga o seguinte aos Israelitas: Vocês viram por si mesmos que do céu lhes falei: não façam ídolos de prata nem de ouro para me representarem.” (BÍBLIA, Êxodo 20: 22, 23).

Sobre esta característica da personalidade divina, o livro de Isaías proclama: “Verdadeiramente tu és um Deus que se esconde, ó Deus e Salvador de Israel.” (BÍBLIA, Isaías 45:15). Temos então, um traço da personalidade de Deus em sua invisibilidade. Logo, no não ver, vemos. E esta é a profundidade da poesia aqui, pois, a imagem poética tem por natureza a possibilidade de fazer algo ser visto, mesmo o invisível tem algo a revelar, de acordo com o que Heidegger (1971) escreve:

A natureza da imagem é deixar algo ser visto. Em contraste, cópias e imitações são meras variações da imagem genuína que, como visão ou espetáculo, permite o invisível ser visto e imagina o invisível em algo alheio a isso... imagens poéticas são... não meras ilusões mas imaginações de que há visivelmente inclusões do estranho na visão do que é familiar (HEIDEGGER, 1971, p. 126).

Tendo em vista a representação pela não-representação, O Eu Sou, cujo rosto não se conhece, bem como o Imperador de Além Mar, podem ser a Luz, o Ar, a Água, podem permear toda e qualquer substância comum ao ser humano, sem se fazer notar, pode ser tudo em todos, e, nisto, pode compreender-se sua onipresença. A respeito disto, em 1 Reis, uma brisa suave representa a pessoa divina que aparece no episódio a seguir, numa espécie de teofania:

O Senhor lhe disse: "Saia e fique no monte, na presença do Senhor, pois o Senhor vai passar".
Então veio um vento fortíssimo que separou os montes e esmigalhou as rochas diante do Senhor, mas o Senhor não estava no vento. Depois do vento houve um terremoto, mas o Senhor não estava no terremoto.
Depois do terremoto houve um fogo, mas o Senhor não estava nele. E depois do fogo houve o murmúrio de uma brisa suave.
Quando Elias ouviu, puxou a capa para cobrir o rosto, saiu e ficou à entrada da caverna. E uma voz lhe perguntou: "O que você está fazendo aqui, Elias?" (BÍBLIA, 1 Reis 19: 11-13).

Pode-se dizer que, quando foge às representações fenotípicas, a aparência de Deus permanece preservada, e é justamente a preservação de sua imagem ótica que proporciona ao leitor maior encantamento frente aos detalhes de características do personagem principal da bíblia, pois, como um deficiente visual, se agarra aos sons, às minúcias, e busca conhecer algo do caráter de Deus, por exemplo, através da representação acústica de sua voz.

TROVÃO: A POESIA DA VOZ DE DEUS

A voz de Deus é uma das imagens que estabelecem sua personalidade na Bíblia, por ela, é possível perceber o julgamento que faz, sua força e poder movendo a natureza. Entre as referências à voz de Deus contidas na Bíblia, em Salmos, nota-se a seguinte descrição:

A voz do Senhor ressoa sobre as suas águas; o Deus da glória troveja; o Senhor troveja sobre as muitas águas. A voz do Senhor é poderosa; a voz do Senhor é majestosa. A voz do Senhor quebra os cedros; o Senhor despedaça os cedros do Líbano. Ele faz o Líbano saltar como bezerro; o Siriom como novilho selvagem. A voz do Senhor corta os céus com raios flamejantes. A voz do Senhor faz tremer o deserto; o Senhor faz tremer o deserto de Cades. A voz do Senhor retorce os carvalhos e despe as florestas. E no seu templo todos clamam: "Glória!" (BÍBLIA, SALMOS 29:3-9).

A voz de Deus, neste trecho, realiza o inimaginável entre terra seca, árvores, águas e céu. Grandes feitos apenas possíveis de se expressar graças à poesia. Esta mesma voz, fala diretamente com o Deus Filho em O Evangelho Segundo escreveu João:

Pai, glorifica o teu nome. Então, veio uma voz do céu: "Eu já o glorifiquei e o glorificarei novamente". A multidão que ali estava e a ouviu disse que tinha trovejado; outros disseram que um anjo lhe tinha falado. Jesus disse: "Esta voz veio por causa de vocês, e não por minha causa. [...] (BÍBLIA, João 12:28-30).

Neste último trecho, contudo, percebe-se na fala do Deus Filho que as palavras vindas de seu pai, podem receber diversas interpretações, pois, alguns apenas ouviram, outros escutaram. Se a voz do Deus Pai fosse um poema, poderia-se dizer que alguns leram, outros, se debruçaram perante ele, para interpretá-lo.

Em *The Chronicles of Narnia*, é a voz de Aslan que pode ser confundida por rugidos, dependendo da inclinação de quem as escuta para compreender. A voz do Deus Pai é percebida sutilmente apenas em um momento. Quando perguntado sobre sua identidade, Aslan, responde:

Who are you? Asked Shasta.
"Myself", said the Voice, very deep and low so that the earth shook: and again "Myself", loud and clear and gay: and then the third time "Myself", whispered so softly you could hardly hear it, and yet it seemed to come from all round you as if the leaves rustled with it. (LEWIS, 2005, p. 56).

A primeira voz a responder, profunda e baixa, mas, que estremece a terra, se aproxima da voz do Deus Pai da Bíblia. A Segunda e a terceira voz, respectivamente, se

aproximam das imagens do Deus Filho e do Espírito Santo. Sendo o Filho a personificação da alegria e boas-novas aos homens, e o Espírito Santo, sendo a pessoa mais sensível da trindade, capaz de demonstrar sentimentos, de acordo com o trecho escrito no Livro de Tiago: “Ou vocês acham que é sem razão que a Escritura diz que o Espírito que ele fez habitar em nós tem fortes ciúmes?” (BÍBLIA, Tiago 4:5).

DESTINAÇÃO: A POESIA DOS PENSAMENTOS DE DEUS

Além de ter sentimentos, segundo a *Bíblia* e *The Chronicles of Narnia – The Horse and His Boy*, Deus se interessa pelas tramas da vida humana e cria situações para que os acontecimentos levem os personagens Moisés e Shasta a serem encontrados no rio, para serem criados por pais adotivos, e só mais tarde, no decorrer de suas histórias, encontrarem suas família biológicas. Moisés, salvando o povo de Israel (família biológica) dos Egípcios (povo de sua família adotiva) que os escravizavam. Shasta, salvando o povo de Archenland (família biológica) dos calormen (povo de seu pai adotivo) que planejavam tomar o reino.

No seguinte episódio, torna-se perceptível a intervenção de Aslan na vida de Shasta e demais personagens da trama:

I do not call you unfortunate, said the Large Voice.
Don't you think it was bad luck to meet so many lions? Said Shasta.
There was only one lion, said the Voice.
What on the earth do you mean? I've just told you there were at least two the first night, and –
There was only one: but he as swift foot.
How do you know?
I was the lion. (...) I was the lion who forced you to join with Aravis. I was the cat who comforted you among the houses of the dead. I was the lion who drove the jackals from you while you slept. I was the lion who gave the Horses the new strength of fear for the last mile so that you should reach King Lune in time. And I was the lion you do not remember who pushed the boat in which you lay, a child near death, so that it came to shore where a man sat, wakeful at midnight, to receive you. (LEWIS, 2005, p. 56).

Todos esses acontecimentos, cuidadosamente nascidos na mente de Deus, apresentam uma intervenção divina no curso histórico das narrativas e apontam para o que está escrito no Livro de Isaías, quando Deus fala sobre seus pensamentos:

[...] Pois os meus pensamentos não são os pensamentos de vocês, nem os seus caminhos são os meus caminhos, declara o Senhor.
Assim como os céus são mais altos do que a terra, também os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos e os meus pensamentos mais altos do que os seus pensamentos. (BÍBLIA, Isaías 55:8,9).

DEUS EM DESERTOS: ELOI, ELOI, LAMÁ SABACTANI⁵

Na Bíblia, como parte dos desígnios de Deus, diversos personagens são colocados à prova no deserto, numa ambientação que simboliza escassez, necessidade e sofrimento. Moisés e todo povo de Israel, Elias e o próprio Deus Filho, Jesus, são colocados neste tipo de provação. Se referindo ao povo hebreu, no Livro de Deuteronômio, escreve-se:

[...] Lembrem-se de como o Senhor, o seu Deus, os conduziu por todo o caminho no deserto, durante estes quarenta anos, para humilhá-los e pô-los à prova, a fim de conhecer suas intenções, se iriam obedecer aos seus mandamentos ou não. (BÍBLIA, Deuteronômio 8:2).

Contudo, apesar de serem levados ao deserto para provação de seu caráter após a diáspora do Egito, o povo hebreu tem encontros com o divino de maneira que:

Durante o dia o Senhor ia adiante deles, numa coluna de nuvem, para guiá-los no caminho, e de noite, numa coluna de fogo, para iluminá-los, e assim podiam caminhar de dia e de noite. A coluna de nuvem não se afastava do povo de dia, nem a coluna de fogo, de noite. (BÍBLIA, Êxodo 13:21,22).

Deus se revela no deserto de maneira protetora, pois, lá, a temperatura durante o dia é elevada, porém, durante a noite, cai drasticamente. Nesta perspectiva, além de guiá-los, a nuvem durante o dia proporciona sombra e alívio, ao passo que a noite, a coluna de fogo ilumina o caminho e aquece os andarilhos. Tais símbolos se aproximam da imagem do gato em *The Chronicles of narnia – The horse and His Boy*, cuja presença em meio ao deserto, do lado de fora dos portões da cidade onde um temeroso Shasta se encontra, conforta o garoto e o protege.

A partir destas situações, o leitor pode recordar da hipótese freudiana em *Futuro de uma Ilusão*, segundo a qual, a ideia de Deus provém da carência infantil do ser humano por um pai protetor, que se prolonga por toda a vida e faz com que este se agarre à ideia da existência de um pai mais poderoso (FREUD, 1996). Visto por esta perspectiva, a humanidade tem representado Deus na literatura com o que gostaria de ter para si em seus próprios pais, de modo a sanar esta carência paterna.

Fica, então, a pergunta ainda sem resposta: Por que haveria de se representar a proteção e o abandono? Por que disseminar a imagem de um Deus Pai distante como em The

⁵ Do hebraico: “*Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?*” Em Mateus 27:46, antes de expirar, Jesus dá o brado que dá início ao Salmo 22.

Chronicles of Narnia, que permite o sacrifício de Aslan, ou um Deus Pai que abandona Cristo no momento de sua morte?

A complexidade da personalidade divina que se permite fustigar em um ato violento de entrega de si, para cumprir uma Lei escrita por si mesmo, é de uma profunda arte poética e pedagógica, presente em ambos os livros analisados.

O DEUS REVELADO: IMAGENS TEOPOÉTICAS DO DEUS FILHO

Ninguém jamais viu a Deus, mas o Deus Unigênito, que está junto do Pai, o tornou conhecido.

BÍBLIA, João 1:18.

A imagem transfigurada de Aslan em forma do gato que aparece no deserto em *The Chronicles of Narnia – The Horse and His Boy*, cria no Leão uma aproximação com o Cristo, descrito no livro de *Apocalipse* (cap.5) como o Leão da tribo de Judá (cap. 5, vers. 5), que no livro de *Mateus* (cap. 1) e de *Lucas* (cap. 2), toma a forma de homem, de maneira a se aproximar dos seres humanos.

Ademais, ainda no capítulo 5 de *Apocalipse* e no primeiro capítulo do livro de *João*, o Deus Filho é descrito como cordeiro (para sacrifício), criando uma conotação de mansidão e entrega de si diferente da imagem do leão. Também, o gato de Narnia, representando o lado dócil de Aslan, contrasta com o que é dito a seu respeito, sobre não ser um leão domesticado. Percebe-se, então, tanto na figura de Cristo, quanto na figura de Aslan, uma personalidade multifacetada, do Leão que vive e, é, também, o Cordeiro que se permite ser morto, ao Leão selvagem que se transforma em gato doméstico.

As multifacetadas personalidades de Cristo, representadas em imagens poéticas, agem consoante o que se escreve em *João* (cap. 1:18) sobre o Deus revelado, que, além de ser o Deus da trindade que possui uma representação fenotípica, é caracterizado por muitas outras imagens, entre as quais, Ele é a Semente da mulher (Gn. 3.15), Filho do Homem (Mt 8:20), Estrela de Jacó (Nm. 24.17), Raiz de Davi (Ap. 22.16), A Palavra (Jo 1:8) Filho de Deus (MT 2:15), imagens que simbolizam suas origens, a natureza divina e humana do Deus Filho.

Por outro lado, é quando chamado de Deus Forte (Is 9:6), Rei (Zc 9:9), Rei dos reis (I Tm 6:15), Senhor dos senhores (I Tm 6:15), Rei das nações (Ap 15:3), Rei dos Judeus (Mt 2:2) e Rei eterno (1 Tm 1:17) que o Cristo mais se aproxima de Aslan, The Great Lion, the son of Emperor-over-the-sea, the King above all High Kings in Narnia (Lewis, p.57).

Outrossim, os símbolos de Sol da Justiça (Mt. 4.2), Luz do mundo (Jo 8:12), Pão da Vida (Jo. 6:35), Videira Verdadeira (Jo. 15.1), Caminho (Jo. 14.6), líder (Mt 2:6), intercessor (I Jo 2:1), mediador (1 Tm 2:5), mensageiro da aliança (Mt 3:1), porta das ovelhas (Jo. 10.7), bom pastor (Jo 10:11), representam o papel do Deus Filho de redimir a humanidade de seus erros, sua missão em tomar a dívida pelas ofensas a Deus e pagar por isso ele mesmo, de forma a guiar o ser humano ao Deus Pai.

Aslan, também em um sentido de redenção, é chamado “the Great deliverer of Narnia” (Lewis, p. 68), sendo responsável por libertar os Narnianos dos inimigos de Narnia. No leão de Lewis, o símbolo do redentor se distancia do da Bíblia no sentido de não ter variações (como na *Bíblia*: a porta, o caminho) e ter de expressar, sozinho, esta característica de Aslan. O símbolo precisa ser mais explícito, e, para isto, se originaliza na imagem de um animal que se diz verdadeiramente uma fera, mas que age de acordo com preceitos cívicos e de alteridade.

TEOPOÉTICA E A FORMAÇÃO ONTOLÓGICA DO SER HUMANO EM SOCIEDADE

Em sua análise comparativa de textos bíblicos e homéricos, Auerbach (1971) aponta para uma experiência de encantamento sensorial não proposital dos textos bíblicos.

O encantamento sensorial não é a sua intenção, e se, não obstante, eles têm um efeito bastante vital também no campo sensorial, isto se deve ao fato de que os sucessos éticos, religiosos, interiores, que são os únicos que lhes interessam, concretizam-se no material sensível da vida. (AUERBACH, 1971, p.11).

Em *The Chronicles of Narnia – The Horse and his Boy*, também é possível notar certo efeito sensorial a partir de discursos éticos que proclamam por concretizar-se na vida do leitor, em sua forma de sentir e se relacionar com o mundo. Por exemplo, no episódio em que Aslan faz justiça à serva da madrasta de Aravis, causando à garota o mesmo que ela causou à serva, se lê:

It was I who wounded you, said Aslan. I am the only lion you met in all your journeyings. Do you know why I tore you?
No, sir.
The scratches on your back, tear for tear, throb for throb, blood for blood, were equal to the stripes laid on the back of your stepmother’s slave because of the drugged sleep you cast upon her. You needed to know what it felt like. (LEWIS, 2005, p. 69).

Aí se percebe a imagem do Mestre⁶, que ensina sobre a dor do outro com a dor do eu, criando no leitor a experiência sensorial de arrependimento por algo que não fez (Aravis fez), e que, vivendo a experiência de leitura apaixonadamente, não pensará em fazer.

Semelhantemente, no Novo testamento, ao resumir os Mandamentos em dois, o Cristo mantém a Lei do amor⁷, unindo, assim, função ideológica e função social, ao passo que, o sistema de ideias que os autores conscientemente trazem para o texto (Candido, 2006, p. 54) colabora para o desenvolvimento das relações sociais. Aqui, a função social do texto literário se assemelha àquela dos episódios da Odisseia contados nas festas gregas, que, segundo Candido (2006):

reforçavam a consciência dos valores sociais, sublinhavam a unidade fundamental do mundo helênico e a sua oposição ao universo de outras culturas, marcavam as prerrogativas, a etiqueta, os deveres das classes, estabeleciam entre os ouvintes uma comunhão de sentimentos que fortalecia a sua solidariedade, preservavam e transmitiam crenças e fatos que compunham a tradição da cultura. (CANDIDO, 2006, p. 54).

Deste modo, é possível compreender ainda o uso proclamativo da linguagem colaborando para a formação ontológica do ser individual e social, pois, segundo Magalhães (2008) citando Frye (2004):

[...] na Bíblia temos um novo uso [da linguagem]: o proclamativo, o que caracterizaria a intensidade das tramas e personagens, tendo como objetivo incluir o leitor nos temas, nas opções das personagens, em seus dilemas éticos. O texto seria, portanto, sucinto porque caracterizado por um grande apelo a que o leitor crie a sua própria história a partir da história contada. (MAGALHÃES, 2008, p.18).

Com isto, não se deseja dizer que os ensinamentos judaico-cristãos são as únicas formas de se desenvolver a formação ontológica do ser social de maneira cívica, mas, levar o leitor a entender como as imagens teopoéticas podem vir a estar relacionadas à vida em sociedade, a partir daquelas encontradas na *Bíblia* e em *The Chronicles of Narnia*.

A respeito disto, observa-se, nos livros em análise, a exaltação da vida em sociedade, pois, na Bíblia, Deus sendo trino se une ao ser humano, formando o que é

⁶ Os discípulos de Cristo assim o chamavam, atribuindo a ele o cargo de professor de ensinamentos de Deus. Sobre isto, escreve-se em João: “Vocês me chamam ‘Mestre’ e ‘Senhor’, e com razão, pois eu o sou.” (BÍBLIA, João, 13: 13).

⁷ Respondeu Jesus: “Ame o Senhor, seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento. [...] Ame o seu próximo como a si mesmo.” (Mateus 22:37, 39).

chamado de Natureza Divina⁸. Em *The Chronicles of Narnia*, os quatro reis de Nárnia nomeados por Aslan: Lucy, Susan, Peter e Edmund, bem como todos os personagens centrais de cada livro da coleção (Em *The Horse and his boy*: Shasta, Bri, Aravis e Gouin) tecem a imagem de completude da vida compartilhada.

Sob esta perspectiva, entende-se que a leitura dos livros analisados pode vir a influenciar na construção ontológica de seres sociais solidários, preocupados com o outro, e, o contrário disto constitui-se em um paradoxo. Pois, nos livros a imagem do ser humano se assemelha à de Deus, portanto, enquanto deuses, reis e rainhas, soberanos, cabe a estes respeitar e cuidar de seus semelhantes, da natureza e dos animais, em amor e entrega de si mesmos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *The Chronicles of Narnia*, a partir da construção de imagens teopoéticas, o leitor se depara com noções de ética e civilidade semelhantes àquelas escritas no livro dos hebreus, e é tal sua aproximação entre os textos que levanta o seguinte questionamento: Se Lewis fizesse como Borges (1999) escreve em Pierre Menard, O autor do Quixote, e tal qual o personagem, Pierre Menard, reescrevesse a Bíblia linha por linha e palavra por palavra?

Pode-se dizer que o texto de Lewis que coincidissem linha por linha e palavra por palavra com a Bíblia sofreria alterações em sua leitura e significações, pois, se leria a obra de um homem pós-moderno, falando de uma cultura e tempo significativamente diferentes daqueles dos autores hebreus, o que viria a atribuir um valor diferente ao seu trabalho, voltado para a cultura do outro. A escrita do dito texto poderia trazer aos seus leitores críticos a mesma impressão que os personagens Madame Bachelier e baronesa de Bacourt tiveram do texto de Menard⁹, que, reescrevendo elas mesmas a história,

⁸ Em Salmos 82:6 todos os seres humanos são declarados deuses: “Eu disse: Vocês são deuses [...]” (BÍBLIA, Salmos 82:6). Em 2 Pedro, essa divindade se estabelece junto a Deus, completando a natureza divina: “Dessa maneira, ele nos deu as suas grandiosas e preciosas promessas, para que por elas vocês se tornassem participantes da natureza divina.” (BÍBLIA, 2 Pedro 1: 4).

⁹ Em *Ficções*, Borges (1999) escreve sobre a interpretação do Quixote de Menard (romance intra-ficcional) que coincide palavra por palavra com o Quixote de Cervantes: “É sabido que Dom Quixote (como Quevedo na passagem análoga, e posterior, de A Hora de Todos) julga o pleito contra as letras e a favor das armas. Cervantes era um velho militar: sua decisão se explica. Mas que o Dom Quixote de Pierre Menard – homem contemporâneo de La Trahison des Clercs e de Bertrand Russell – reincida nessas nebulosas sofistarias! Madame Bachelier viu nelas admirável e típica subordinação do autor à psicologia do herói; outros (nada perspicazmente) uma transcrição do Quixote; a baronesa de Bacourt, a influência de Nietzsche.” (Borges, 1999,p.22).

devido ao processo de leitura e interpretação subjetiva, viram no texto de Méneard traços que não se encontravam no texto de Cervantes, advindos também da subjetividade de cada autor, seu local e tempo de fala. Desta maneira, teríamos Lewis falando de maneira original com um texto pré-existente, feito novo pelas possibilidades de leitura.

Entretanto, O que Lewis faz, assemelha-se mais ao que Paul Valery (apud Nitrini, 1997) diz sobre originalidade, ao afirmar que não há: “Nada mais original, nada mais próprio do que nutrir-se dos outros. Mas é preciso digeri-los. O leão é feito de carneiro assimilado.” E é esta assimilação de substâncias contidas no texto bíblico que dá o tom de originalidade à *The Chronicles of Narnia – The Horse and His Boy*. No livro, a assimilação do texto bíblico foi feita de maneira que, não seria possível falar sobre palavras que o autor extraiu, pois o que se percebe não é uma cópia, ou empréstimo estético, mas, aproximações e distanciamentos, no que se refere a imagens poéticas responsáveis por uma experiência de leitura que ambiciona participar da formação ontológica do ser humano em sociedade.

Os diálogos teopoéticos das literaturas Hebraica e Anglófona, entre aproximações e distanciamentos, se resumem no encontro entre beleza e sacralidade, cada texto original à sua maneira, portando algo do todo literário, em sua função social: a busca pelo bem-estar, a Felicidade do leitor através da experiência literária, do fazer poético, como lembra Marin (2005), com palavras que concluem a presente discussão.

No campo da literatura o encontro entre beleza e sacralidade, preservada a especificidade de cada uma, pode resultar em parcerias admiráveis. Como parte das Humanidades, ambas têm muito a contribuir para a realização do ser humano, que não se satisfaz com as belezas efêmeras da mídia e que não se sente à vontade na camisa de força imposta pelas religiões. O sacro-religioso e o belo-artístico, convocados pelo poético-literário, oferecem aos homens e mulheres “pós-modernos”, desiludidos com as promessas do deus-mercado e de outras divindades minúsculas, uma pregustação da Felicidade, principal justificativa e objetivo mor tanto da Religião quanto da Literatura. (ALCARAZ apud MARIN, 2005, p. 187).

REFERENCIAS

ALCARAZ, Rafael Camorlinga. **O belo e o sacro na literatura.** apud: MARIN, Jerri Roberto (Org.). **Religiões, religiosidades e diferenças culturais.** Campo Grande: Ed. da UCDB, 2005b. p. 187.

AUERBACH, Erich. **Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental.** São Paulo: Perspectiva, Editora da Universidade de São Paulo, 1971 426p.

BÍBLIA, edição trilingue: Español, English, Português. Nova versão Internacional. São Paulo: Geográfica, 2010.

Borges, Jorge Luís. **Ficcões**, Obras Completas de Jorge Luis Borges, vol. 1. São Paulo: Globo, 1999. Disponível em: <https://teoriadoespacourbano.files.wordpress.com/2013/02/borges-ficc3a7c3b5es.pdf> acesso em 09/05/2017 às 15:18 horas.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARVALHO, Vinícius Mariano de. **Religião e literatura**: algumas interrelações possíveis. Numem, Juiz de Fora, v. 41, n. 1, p. 35-59, 2001, p. p. 52-53.

CEIA, Carlos. **E-Dicionário de Termos Literários**. Disponível em: <http://edtl.fcsh.unl.pt/business-directory/6772/arquetipo/>. Acesso em 25/05/2017 às 21hrs e 40 min.

DIMAS, Samuel. **A Presença Do Trágico Na Teodiceia De Leibniz**: A Predestinação Da Salvação Eterna E A Destinação Da Condenação Eterna. *Philosophica*, 43, Lisboa, 2014, pp. 39-58.

FREUD, Sigmund. **O futuro de uma ilusão**. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. XXI, p.11-63.

HEIDEGGER, Martin. **Poetry, Language, Thought**. Nova York: Harper & Row, 1971.

JUNG, C. G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

JUNG, C. G. **Psicologia e Alquimia**. Petrópolis: Vozes, 1991a.

KUSCHEL, Karl-Josef. **Os escritores e as escrituras**: retratos teológicos literários. São Paulo: Loyola, 1999.

LEWIS, C. S. **The Chronicles of Narnia: The Horse and his Boy**. Disponível em: <https://docs.google.com/file/d/0B4Ostu1byL8tM2FINzVINTEtYmMyZS00MjRmLWFkMTU0OWQ5MjUyNGJiNTg0/view> acesso em: 10/04/2017 às 22hrs e 15 min.

LEWIS, C. S. **The Chronicles of Narnia: The lion, the witch and the wardrobe**. London. UK: Geoffrey Bless, 1950.

MAGALHÃES, Antonio. **A Bíblia como obra literária**: hermenêutica literária dos textos bíblicos em diálogo com a teologia *In* FERRAZ, S. Deuses em poéticas: estudos de literatura e teologia [online]. Belém: UEPA; Campina Grande: EDUEPB, 2008. 364 p. Disponível em: [http://www.academia.edu/5037849/A_Bíblia_como_obra_literária_hermenêutica_literária_dos_textos_bíblicos_em_diálogo_com_a_teatologia](http://www.academia.edu/5037849/A_B%C3%ADblia_como_obra_liter%C3%A1ria_hermen%C3%A9utica_liter%C3%A1ria_dos_textos_b%C3%ADblicos_em_di%C3%A1logo_com_a_teatologia). Acesso em 24/04/2017 às 23hrs e 30 min.



NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: história, teoria e crítica.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

Valéry, Paul. Tel Quel, 1960, vol. 2, p. 478 **apud** NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada: história, teoria e crítica.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1997.

Recebido em: 11/10/2017

Aprovado em: 02/12/2017